

RIB⁰⁷⁷

REVISTA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA

Ano 8, MAI - 2023

BNDES

Diretor José Luis Gordon defende recursos para inovação e descarbonização

DESCONFIANÇA

ICEI ainda mostra pessimismo entre empresários industriais

SENAI

Novo serviço de metrologia beneficia micro e pequenas empresas

RICARDO ALBAN,
presidente eleito da CNI:

"Momento político impõe
neoindustrialização"

DEFESA E SEGURANÇA NACIONAL
DESCARBONIZAÇÃO

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL
SAÚDE E SEGURANÇA SANITÁRIA

AS QUATRO MISSÕES DA INDÚSTRIA

PLANO DA CNI PROPÕE AÇÕES ESSENCIAIS PARA
O PAÍS TER UMA POLÍTICA INDUSTRIAL MODERNA



Sem burocracia, seu negócio vai ainda mais longe.

Para emitir certificados de origem com segurança, é com o Sistema COD. Com qualidade internacional, o seu produto ganha competitividade.

**SAIBA MAIS EM
WWW.CNI.COM.BR/COD**

COD, sempre por aqui.



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

ÀS LEITORAS E AOS LEITORES

Descarbonização da Economia, Transformação Digital, Saúde e Segurança Sanitária e Defesa e Segurança Nacional. No Plano de Retomada da Indústria, esses quatro eixos aparecem em forma de “missões”. A diretora de Desenvolvimento Industrial e Economia da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Lytha Spíndola, explica que “a política industrial por missões tem metas e objetivos claros, que são definidos com a participação das empresas, da comunidade científica e da sociedade”.

Para Uallace Moreira Lima, secretário de Desenvolvimento Industrial, Inovação, Comércio e Serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, “as missões têm um caráter mais ambicioso e a finalidade de melhorar a vida das pessoas”.

Essa nova maneira de enxergar a política industrial, aplicada em diferentes partes do mundo e defendida para o Brasil pela CNI, pressupõe uma colaboração entre diferentes setores, com foco no desenvolvimento econômico e social. A reportagem de capa desta edição detalha cada uma das quatro missões que constam do documento entregue

ao vice-presidente Geraldo Alckmin e aponta caminhos para tirar as metas do papel.

A descarbonização, por exemplo, encontra terreno fértil no Brasil. Prova disso está na participação das fontes renováveis em nossa matriz energética: 45%, mais que o triplo da média mundial. Entretanto, há desafios a serem enfrentados também nessa seara, como a necessidade de conter a perda de vegetação natural nos diferentes biomas brasileiros.

Outra matéria desta edição apresenta uma iniciativa lançada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que contribui com a digitalização dos processos industriais. A entidade oferece um mercado virtual para indústrias contratarem serviços de metrologia, que consistem em testes de qualidade de seus produtos.

A Revista da Indústria Brasileira também mostra as dificuldades que as empresas brasileiras têm encontrado para exportar, em razão de crescentes barreiras comerciais, e apresenta o perfil do próximo presidente da CNI, Ricardo Alban, cujo mandato se inicia em outubro.

Boa leitura!

**CONHEÇA
O SISTEMA
INDÚSTRIA**

CNI  cni brasil
 cni br
 cni_br
 cniweb
 cni-brasil
 cniweb

SESI  SESINacional
 sesi
 sesi-nacional

SENAI  senainacional
 senai_nacional
 senainacional
 senaibr
 senai-nacional

IEL  IELbr
 ielbr
 iel_br
 iel-nacional



ARTIGO DO PRESIDENTE 6

REPORTAGEM DE CAPA 8

Conheça as quatro missões institucionais da indústria, defendidas no Plano de Retomada

SUSTENTABILIDADE 18

Indústria brasileira assume papel de destaque no processo de descarbonização global

INFOGRAFIA 16

Os nove eixos para a reindustrialização do país

JOSÉ LUIS GORDON 22

Diretor do BNDES defende investimentos em inovação e descarbonização

INDÚSTRIA EM AÇÃO 24

Feira online do SENAI oferece mais de 8 mil vagas de emprego

COMPETITIVIDADE 26

Barreiras comerciais prejudicam exportação de produtos brasileiros

ELEIÇÃO 30

Ricardo Alban será o novo presidente da CNI

5 PERGUNTAS PARA... 34

Sofia Santos de Oliveira, ex-aluna do SESI aprovada em Harvard, Stanford e Yale

TERMÔMETRO 36

Empresário industrial está menos pessimista do que esteve em abril

DASHBOARD 38

Consulte o painel de séries históricas, pesquisas e estudos conduzidos pela área técnica da CNI

GIRO BRASIL 40

SENAI do Maranhão lança competição para resolver problemas da vida real

TESTES DE QUALIDADE 42

SENAI lança mercado virtual de serviços metrológicos

OUTRA VISÃO 46

Tânia Cosentino, presidente da Microsoft Brasil, escreve sobre a importância da tecnologia e da inteligência artificial para a indústria

UM PROGRAMA FUNDAMENTAL PARA O CRESCIMENTO DO BRASIL



ROBSON BRAGA DE ANDRADE

*Empresário e presidente da Confederação
Nacional da Indústria (CNI)*

Entre todos os setores da economia brasileira, a indústria é o que mais colabora, com ideias e propostas apresentadas ao poder público, para o desenvolvimento econômico e social do país. São agendas, programas e estudos lançados todos os anos, apontando caminhos para o crescimento e a melhora das condições de vida da população. Acabamos de entregar, ao governo federal, mais uma dessas alentadas contribuições: o *Plano de Retomada da Indústria*, que estabelece uma estratégia para um novo processo de industrialização do país, em bases modernas e competitivas.

Centrado no estímulo à inovação, na descarbonização da economia, na inclusão social e no crescimento sustentável, o plano propõe missões para responder aos nossos desafios – tanto os novos quanto os que se impõem já há algum tempo, de modo crônico. As missões têm como ponto de partida os problemas de interesse social e se desdobram em medidas factíveis, que precisam ser abraçadas pelo setor público e pelas empresas.

As áreas escolhidas para as missões são quatro. Na esfera da descarbonização, o objetivo é desenvolver uma economia de baixa emissão de carbono, com estímulos à eficiência energética e à promoção da bioeconomia e da economia circular. No campo da

transformação digital, a finalidade é capacitar as empresas brasileiras, em especial as de pequeno e médio porte, para que possam ampliar sua escala, habilitando-se a participar de cadeias globais de fornecimento.

No âmbito da saúde e da segurança sanitária, o propósito se mostrou mais do que necessário com a pandemia da Covid-19: universalizar o acesso e promover o desenvolvimento competitivo da cadeia de produção e exportação de medicamentos, vacinas, testes, protocolos, equipamentos e serviços. No domínio da defesa e da segurança nacional, a intenção é apoiar a criação de elos estratégicos desse complexo industrial, com foco em tecnologias de uso dual (aplicações militares e civis).

Para ampliar os ganhos com a transformação dos processos produtivos e contribuir para a maior inserção das empresas brasileiras no mercado global, o *Plano de Retomada* apresenta medidas que induzem um ambiente de negócios mais competitivo. São 60 propostas de alcance horizontal, com as minutas dos atos legais necessários para implementá-las. Isso facilita enormemente o trabalho do governo e do Congresso Nacional, que podem utilizar os textos como ponto de partida para adotar as medidas.

As propostas abrangem as seguintes áreas: tributação; ambiente regulatório e segurança jurídica; financiamento; comércio e integração internacional; infraestrutura; inovação e desenvolvimento produtivo; educação e relações de trabalho, além de desenvolvimento regional. Essas sugestões buscam reduzir o Custo Brasil, conjunto de ineficiências do arcabouço institucional do país que retiram das empresas R\$ 1,7 trilhão todos os anos. O intuito também é aperfeiçoar a governança e permitir que os produtos brasileiros possam competir, em igualdade de condições, com os concorrentes no mercado internacional.

O fortalecimento da indústria é essencial, ainda mais quando precisamos dar respostas adequadas aos desafios impostos pelas mudanças climáticas, pela transformação digital e pela reorganização das cadeias globais de suprimentos, que sofreram com a pandemia e com as incertezas relacionadas à guerra na

Ucrânia. Não é à toa que as economias mais avançadas vêm implementando programas voltados ao desenvolvimento do setor. Ao longo da última década, pelo menos 84 países, que representam mais de 90% da economia mundial, adotaram medidas de apoio às indústrias.

O Brasil não pode ficar de fora desse movimento mundial. O *Plano de Retomada da Indústria*, que vem sendo muito bem recebido pelo governo e pelo Congresso, será uma excelente base para a formulação e a implementação de uma política industrial de última geração no país. A adoção de um programa de estímulos ao setor, bem estruturado e com objetivos claros, é fundamental para impulsionar o crescimento da nossa economia, com geração de emprego e renda, respeito ao meio ambiente e inclusão social.





Reduzir a dependência brasileira da importação de insumo para vacina é um dos pontos defendidos no Plano de Retomada da Indústria

AS QUATRO MISSÕES DA INDÚSTRIA

NOVA POLÍTICA INDUSTRIAL, DEFENDIDA PELA CNI, BUSCA RESOLVER DESAFIOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Descarbonização da Economia, Transformação Digital, Saúde e Segurança Sanitária e Defesa e Segurança Nacional. Essas são as quatro missões propostas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o programa de neointustrialização discutido no governo federal. As missões se desdobram em diferentes programas e projetos, de caráter multissetorial, que foram consolidadas no *Plano de Retomada da Indústria*. O documento, com foco em sustentabilidade econômica, ambiental e social, traz um conjunto de medidas para implementação de uma nova política industrial no país.

“A política industrial moderna vai além do incentivo a determinados setores. Ela parte de uma abordagem sistêmica, com visão de longo prazo, e exige coordenação e governança de alto nível, com envolvimento do Poder Executivo e do Congresso Nacional, bem como do setor empresarial e dos trabalhadores”, diz o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade. Para a entidade, o retorno das políticas industriais em todo o mundo, aceleradas durante a pandemia da Covid-19, deixou de ser uma escolha

Missão 1

Descarbonização:

desenvolver uma economia de baixo carbono, com estímulos à descarbonização da indústria, à transição energética e à promoção da bioeconomia e da economia circular.



Fonte: CNI





para transformar-se em imperativo do desenvolvimento econômico e social.

Lytha Spíndola, diretora de Desenvolvimento Industrial e Economia da CNI, explica que as políticas industriais adotadas atualmente nas principais economias do mundo buscam resolver problemas sociais com o envolvimento de diversos setores. “A política industrial por missões tem metas e objetivos claros, que são definidos com a participação das empresas, da comunidade científica e da sociedade. Sob coordenação do governo, são definidos programas, investimentos e uma governança adequada”, resume.

Se a meta do país for aumentar a taxa de digitalização nas empresas, diz ela, a política por missão precisa, do lado da oferta, capacitar e gerar os instrumentos necessários à digitalização, mas também assegurar, do lado da demanda, que as empresas participem efetivamente desse processo. “A política por missões tem relação com a inovação, tem meta, tem controle de resultados, nasce de baixo para cima e busca resolver um problema social relevante”, afirma.

“A POLÍTICA POR MISSÃO TEM META, CONTROLE DE RESULTADOS, NASCE DE BAIXO PARA CIMA E BUSCA RESOLVER UM PROBLEMA SOCIAL RELEVANTE”

Lytha Spíndola (CNI)

Uallace Moreira Lima, secretário de Desenvolvimento Industrial, Inovação, Comércio e Serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, reforça que a política por missões vem sendo discutida no mundo inteiro. “As missões têm um caráter mais ambicioso e a finalidade de melhorar a vida das pessoas. Pensar na política industrial nessa perspectiva de missões é pensar, por exemplo, no Complexo Econômico Industrial da Saúde. É pensar que a finalidade não é a indústria em si. A finalidade é a vida das pessoas, é a geração de empregos, é a geração de renda”, defende.

Nesse contexto, explica Lima, a política industrial em discussão no governo Lula será construída a partir da formulação articulada entre os ministérios e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI). “Qual é o transbordamento que o Complexo Econômico Industrial da Saúde tem? A partir do momento em que você gera inovação, também vai gerar crescimento, emprego, arrecadação e renda. Mas, acima de tudo, vai salvar vidas, reduzir a emissão de carbono e gerar empregos”, argumenta ele.

O presidente do Grupo FarmaBrasil (GFB), Reginaldo Arcuri, lembra que a pandemia evidenciou a vulnerabilidade do Brasil em relação à dependência da importação de Insumo Farmacêutico Ativo (IFA) e de medicamentos. Reduzir esse gargalo é um dos escopos da missão relacionada à área de Saúde e Segurança Sanitária. Os objetivos são universalizar o

acesso à saúde e promover o desenvolvimento competitivo da cadeia de produção e a exportação de medicamentos, vacinas, testes, protocolos, equipamentos e serviços. O Brasil, diz ele, tem uma vantagem importante: a existência do Sistema Único de Saúde (SUS).

“Nós somos o único país do mundo com um sistema público universal gratuito de saúde que atende a mais de 200 milhões de habitantes”, ressalta o executivo. Mesmo assim, segundo Arcuri, são necessárias políticas públicas que permitam ao Brasil enfrentar situações como a vivida durante a pandemia. “Se voltarmos um pouco atrás, tivemos a epidemia de AIDS, tivemos o surto de meningite meningocócica e, mais atrás ainda, a febre amarela. Então, é essencial que estejamos preparados. Preparar-se não é estocar medicamentos.

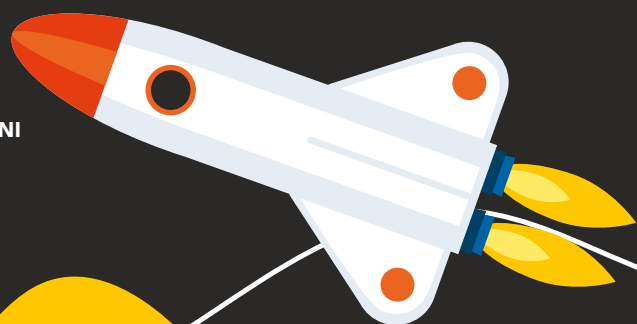
Missão 2

Transformação Digital:

capacitar as empresas brasileiras, em especial as de pequeno e médio porte, para que possam ampliar sua escala de mercado e, assim, habilitar-se a participar de cadeias globais de fornecimento.



Fonte: CNI





Daniel Paiva (Constructweb) desenvolveu programa com o objetivo de melhorar a eficiência em obras da construção civil

O país tem que ter capacidade de produzir e de reagir às emergências sanitárias”, conclui.

“É importante estimular a produção de medicamentos no Brasil e isso, logicamente, demanda um suporte do Estado para aprimorar a regulação e dar segurança jurídica. Também é importante valorizar os órgãos de fomento e incentivo, bem como o financiamento para a produção”, afirma Walker Lahmann, diretor-executivo da Eurofarma, única farmacêutica brasileira autorizada a produzir, no Brasil, a vacina da Pfizer contra a Covid-19.

“Consideramos prioritário o estímulo governamental à inovação desenvolvida no Brasil na área farmacêutica”, defende. Estimular a produção de IFA, diz, contribui para diminuir a dependência do país, uma vez que o Brasil fabrica somente 5% do que é consumido internamente.

É preciso, também, ter compromisso com a sustentabilidade ambiental, segundo Lahmann. Nesse sentido, explica, a empresa atua com base em três pilares estratégicos: neutralizar as emissões

diretas de CO₂, ter um portfólio mais sustentável e possuir eficiência operacional, reduzindo o consumo dos recursos naturais e a geração de resíduos e ampliando as práticas de economia circular.

A contribuição para a descarbonização, entretanto, não é uma missão apenas das grandes empresas. A Flori Tech Coleta Inteligente, startup criada no Rio de Janeiro em 2018 por Thais Guerra e Gabriel Bastos, desenvolveu uma máquina de coleta que, além de permitir o descarte adequado de resíduos sólidos, dá pontos para serem trocados por benefícios (descontos em vendas futuras ou novos produtos) e armazena dados de inteligência de mercado. “Nascemos com a ideia de atacar o descarte incorreto de resíduos e buscar engajamento da população na cultura da reciclagem. Passamos por um programa de aceleração de empresas, o que ajudou a aprimorar a ideia inicial, que não tinha o impacto que queríamos”, conta Thais.

A CEO da Flori Tech explica que, hoje, a empresa tem um modelo de negócio em que a máquina de coleta de resíduos pode ser adaptada de acordo com os objetivos de cada cliente. “É uma máquina que traz a proposta da gamificação, do descarte correto e inteligente. A máquina gera pontos com base no peso dos resíduos descartados. Esses pontos geram benefícios que mudam de acordo com o cliente de cada máquina”, diz. A Flori Tech possui, atualmente, 7.811 máquinas espalhadas por Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito

Santo e Minas Gerais, que coletaram mais de 21 mil quilos de resíduos, detalha Thais.

Já o designer Daniel Paiva, de São Paulo, usou seus conhecimentos na área digital para desenvolver um programa com o objetivo de melhorar a eficiência em obras da construção civil, o chamado Constructweb. “A gestão eficiente de uma obra pode ajudar na medida em que os prazos são cumpridos e os projetos, concluídos dentro do orçamento previsto. Isso também atende às expectativas dos clientes, reduz custos, aumenta a produtividade, antecipa riscos, otimiza o controle de estoque e, por fim, melhora os lucros e resultados”, afirma. Essa organização, diz, evita a perda de materiais e “a necessidade de um novo transporte de

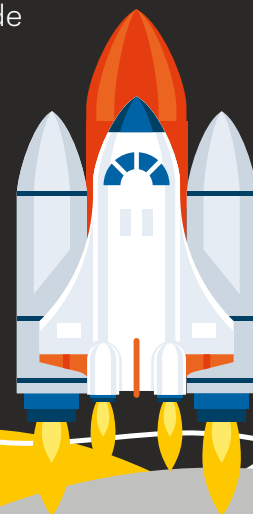
Missão 3

Saúde e Segurança Sanitária:

universalizar o acesso à saúde e promover o desenvolvimento competitivo da cadeia de produção e a exportação de medicamentos, vacinas, testes, protocolos, equipamentos e serviços.



Fonte: CNI



materiais e equipamentos, que seria uma forma de emissão de gases de efeito estufa”.

Na área de Transformação Digital, a missão proposta pela CNI é capacitar as empresas brasileiras, em especial as pequenas e médias, para que ampliem sua escala de mercado e, assim, habilitem-se a participar de cadeias globais de fornecimento. Sérgio Fujimura, diretor-executivo da Wapmetal Indústria e Comércio de Molas e Estampados, diz que a empresa, com 271 funcionários, começou um processo de transformação digital por conta própria, mas percebeu que precisaria buscar apoio externo. “Parecia que a gente estava construindo uma casa começando pelo telhado. O programa de que participamos nos deu uma visão mais clara, de que seriam necessárias ações prévias, como de governança”, explica.



Thais Guerra e Gabriel Bastos criaram uma máquina de coleta inteligente de resíduos sólidos, a Flori Tech

A empresa participou do Roadmaps 4.0, projeto-piloto de apoio às empresas para investimento em tecnologias da indústria 4.0, desenvolvido pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) em parceria com a CNI. O Plano de Retomada da Indústria prevê quatro programas para a missão de Transformação Digital: mobilização empresarial, inovação em gestão, planos estratégicos de digitalização e fomento ao desenvolvimento de soluções digitais.

A quarta missão proposta pela CNI é a de Defesa e Segurança Nacional. Com seis programas, o objetivo é apoiar o desenvolvimento de elos estratégicos das cadeias do complexo industrial da defesa e segurança nacional, com foco em tecnologias de uso dual, aplicadas tanto no meio civil como no meio militar. Hoje, conforme análise da CNI, o ambiente internacional é caracterizado por um clima de incerteza e instabilidade, com conflitos em várias partes do mundo e fortalecimento de diversas potências militares. Nesse contexto, a busca por tecnologias no campo militar tornou-se indispensável para garantir a segurança nacional.

Glauco José Corte, presidente do Conselho Temático da Indústria de Defesa e Segurança (Condefesa) da CNI, diz que, entre as prioridades dessa missão, estão: a defesa territorial para proteger a soberania nacional; a segurança interna com prevenção e combate ao crime organizado, ao tráfico de drogas e outras ameaças;

e a cibersegurança, com o desenvolvimento de capacidades defensivas robustas e de medidas para fortalecer a resiliência cibernética do país. “As prioridades dependem sempre das ameaças emergentes, da situação geopolítica e das políticas nacionais”, ressalta.

A política por missões também pressupõe regras de governança, para que as ações definidas possam ser mensuradas durante a execução, e critérios para avaliar se os objetivos previstos foram atingidos. “Missão é trabalho de governo. A coordenação é de um órgão de governo, que cria um comitê multissetorial e uma governança adequada, com projetos e prazos para cada ação. O trabalho é feito em conjunto com o setor privado e a academia”, finaliza Lytha, da CNI.

Missão 4

Defesa e Segurança Nacional:

apoiar o desenvolvimento de elos estratégicos das cadeias do complexo industrial de defesa e segurança nacional, com foco em tecnologias de uso civil e militar.



Fonte: CNI



OS NOVE EIXOS PARA A RETOMADA DA INDÚSTRIA

Conheça algumas das **60 propostas** do setor

10 AÇÕES

- ▶ Aprovar a reforma tributária sobre o consumo, em tramitação no Congresso Nacional e em linha com as PECs 110/2019 e 45/2019;
- ▶ Ampliar o prazo de pagamento de tributos federais; e
- ▶ Estimular o investimento por meio da depreciação acelerada.

11 AÇÕES

- ▶ Garantir financiamento à inovação e aperfeiçoar as normas e os procedimentos para dar mais previsibilidade na liberação dos recursos;
- ▶ Tornar permanentes, por meio de lei, os recursos do Pronampe, que poderão ser reutilizados para a cobertura de novos empréstimos;
- ▶ Aperfeiçoar as regras de garantia no processo de concessão de crédito; e
- ▶ Acelerar a implementação das duplicatas eletrônicas.

TRIBUTAÇÃO

FINANCIAMENTO

9 EIXOS

INFRAESTRUTURA

7 AÇÕES

- ▶ Modernizar o setor elétrico para reduzir os custos e aumentar a competitividade; e
- ▶ Reduzir os encargos setoriais incidentes sobre a conta de energia elétrica.

AMBIENTE REGULATÓRIO, SEGURANÇA JURÍDICA E EFICIÊNCIA DO ESTADO

7 AÇÕES

- ▶ Modernizar o licenciamento ambiental; e
- ▶ Aprovar o Código de Defesa dos Contribuintes e atualizar o Código Tributário Nacional.

EXOS

7 AÇÕES

- ▶ Recriar o sistema de financiamento e garantia às exportações, aproximando-o de regras e padrões internacionais; e
- ▶ Fortalecer e modernizar os instrumentos de defesa comercial do país.

COMÉRCIO E INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL

7 AÇÕES

- ▶ Fomentar a implementação das novas normas regulamentadoras de segurança e saúde no trabalho; e
- ▶ Impedir que trabalhadores fiquem em situação de limbo previdenciário.

RELAÇÕES DO TRABALHO

1 AÇÃO

- ▶ Aperfeiçoar e priorizar os instrumentos de desenvolvimento regional.

DESENVOLVIMENTO REGIONAL

INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PRODUTIVO

EDUCAÇÃO

5 AÇÕES

- ▶ Aprimorar e modernizar os instrumentos de incentivos tributários à inovação; e
- ▶ Garantir a autonomia financeira do INPI.

5 AÇÕES

- ▶ Modernizar a aprendizagem profissional como instrumento de incentivo à empregabilidade de jovens; e
- ▶ Implementar proposta nacional de reconhecimento de saberes com base em competências e habilidades.

JANELA ABERTA PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

INDÚSTRIA BRASILEIRA ASSUME
PAPEL DE DESTAQUE NO PROCESSO
DE DESCARBONIZAÇÃO GLOBAL
– E PODE FAZER MUITO MAIS

O desenvolvimento de novas fontes de energia renovável e de novos produtos a partir do uso eficiente de recursos naturais, como bioinsumos, cosméticos e fármacos, são exemplos de iniciativas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa adotadas pela indústria nos últimos anos. Estas contribuem com o processo de descarbonização.

Em 2022, conforme dados da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), as fontes renováveis foram responsáveis por quase 92% da energia elétrica produzida no Brasil, por meio de usinas hidrelétricas, eólicas, solares e de biomassa em geração centralizada. Quando se pensa na matriz energética como um todo, que também inclui fontes para movimentar carros ou preparar a comida no fogão, a participação das renováveis está hoje em 45%, mais que o triplo da média mundial, que é de 14%.



O incentivo à energia eólica é apontado por especialistas como importante para o avanço de fontes limpas na matriz energética nacional



“O Brasil tem muito a contribuir com a mitigação das mudanças climáticas no planeta e a indústria brasileira tem desempenhado um importante papel na promoção de práticas sustentáveis e na redução das emissões de gases de efeito estufa”, afirma Mônica Messenberg, diretora de Relações Institucionais da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Em 10 anos, diz Mônica, a estimativa é de expandir em 30% a oferta interna de energia e, mesmo assim, a participação das fontes renováveis na matriz energética deve se manter próxima de 84%. “O Brasil se encontra na vanguarda da transição energética, com elevada participação de fontes renováveis na matriz, e segue uma trajetória sustentável, ampliando e diversificando, cada vez mais, o uso dessas fontes limpas”, argumenta ela.

No caso da geração de energia elétrica, diz a diretora da CNI, a situação é ainda mais animadora. “Estima-se, em 10 anos, a necessidade de expansão da oferta de energia elétrica em 40%, mantendo-se a participação das energias renováveis em 84%”, conta Mônica. Essa expansão na oferta interna de energia promete ter efeitos incrementais muito positivos sobre o faturamento da indústria.

Estudo da Embrapa Energia estima que, até 2050, o avanço da bioeconomia poderá gerar um faturamento industrial anual de US\$ 284 bilhões. Realizado em parceria com a Associação Brasileira de Bioinovação (ABBI), o Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (SENAI/CETIQT) e outras entidades, o estudo, divulgado em janeiro de 2023, considerou três frentes para a implementação total da bioeconomia: as atuais políticas para mitigação de emissões de gases de efeito estufa (GEE) no país; a consolidação da biomassa como principal matriz energética em setores importantes da economia; e a intensificação de tecnologias biorrenováveis.

O argentino Agustin Torroba, especialista internacional em biocombustível e energias renováveis do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), destaca que o processo de descarbonização é importante para a economia mundial e, em especial, para a brasileira. “Caso não se encare o processo de redução das emissões de carbono de maneira decidida, os efeitos das mudanças climáticas vão impactar negativamente não só o desenvolvimento econômico, mas também o social”, diz.



F: divulgação

“O BRASIL SE ENCONTRA NA VANGUARDA DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA, COM ELEVADA PARTICIPAÇÃO DE FONTES RENOVÁVEIS NA MATRIZ”

Mônica Messenberg (CNI)

A participação de fontes renováveis na produção de energia elétrica

Legenda:

- Biomassa
- Eólica
- Solar
- Hidráulica
- Térmica

(Evolução da capacidade instalada)



Fonte: Câmara de Comercialização de Energia Elétrica

Ele ressalta que o Brasil, como referência em fontes de energia renovável na América do Sul e no mundo, tem um papel importante no processo de descarbonização. “Todas as políticas adotadas no país vão contribuir com o processo global de redução das emissões de gases de efeito estufa. Além de compartilhar sua experiência, o Brasil pode ajudar outros países nesse processo. Um exemplo são as pesquisas para o desenvolvimento do etanol como combustível para veículos”, afirma.

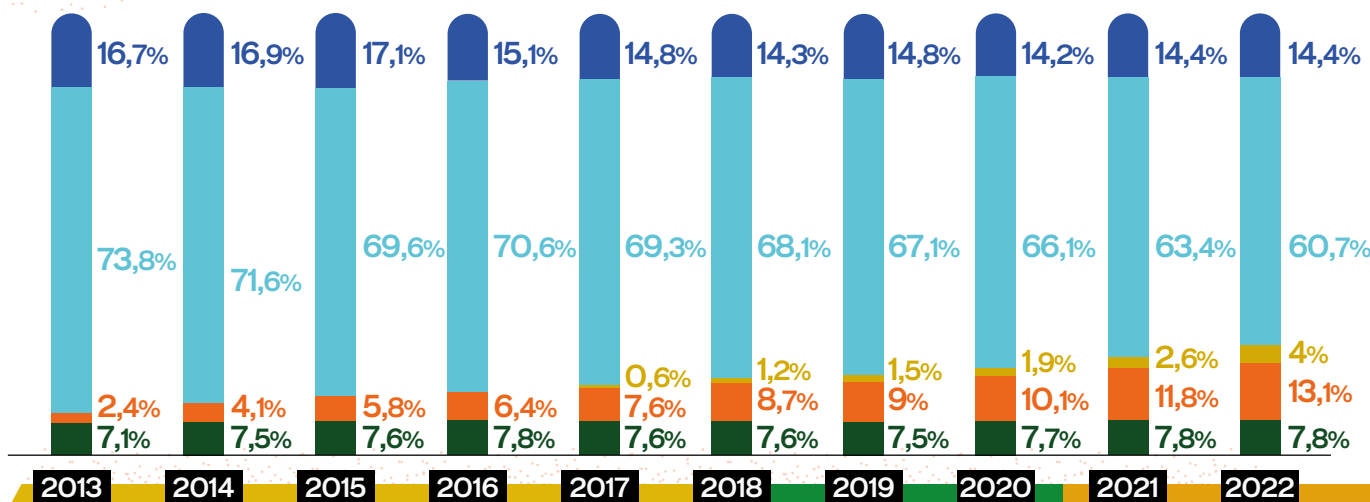
Larissa Basso, pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP), diz que a descarbonização é o principal desafio atual e que o Brasil pode ser um dos líderes desse movimento se avançar em algumas frentes. Primeiro, diz ela, é preciso conter a perda de vegetação natural nos diferentes biomas brasileiros, florestas ou não. “Sem vegetação natural perdemos recursos hídricos e biodiversidade, e ocorrem mudanças nos padrões de chuvas e ventos, alterando as bases da nossa organização econômica e social. Conter essas perdas é fundamental”, explica.

Além disso, complementa Larissa, é necessário reverter o aumento do uso de combustíveis fósseis e ampliar a participação das fontes renováveis de energia. “O Brasil é um dos países mais bem posicionados

para fazer a transição energética e precisamos tirar vantagem disso para avançar mais rápido”, diz. É preciso, ainda, segundo ela, avançar em ações nos setores nos quais estamos atrasados, como tratamento de resíduos e aumento da produtividade sistêmica da economia, implementar políticas públicas e desenvolver novas atividades econômicas alinhadas à bioeconomia.

“É necessário assegurar condições de mercado adequadas para que a indústria se desenvolva, absorva as inovações tecnológicas requeridas e possa se beneficiar da complementaridade das fontes de energia renovável, fazendo uso delas tanto para tornar os seus processos industriais mais eficientes e descarbonizados quanto para desenvolver novos negócios que permitam aproveitar as oportunidades nos mercados internacionais que buscam reduzir sua pegada de carbono”, diz Mônica, da CNI.

“As práticas propostas pela economia circular, que envolvem a otimização de processos, a recuperação de recursos, a extensão da vida útil, a virtualização e o compartilhamento, são oportunidades para o desenvolvimento de novos modelos de negócio na busca pela redução de riscos e de emissões”, defende a diretora.



MAIS RECURSOS PARA A INDÚSTRIA

DIRETOR DO BNDES DEFENDE MAIS INVESTIMENTO EM ÁREAS COMO INOVAÇÃO E DESCARBONIZAÇÃO

“É preciso reativar o sistema público de crédito à exportação, que diminuiu muito nos últimos anos”, defende José Luis Gordon (BNDES)



F: Stefano Figalo

O diretor de desenvolvimento produtivo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), José Luis Gordon, diz que a entidade pretende retomar o papel relevante que já desempenhou no apoio à inovação e que, para isso, mobilizará o conjunto de instrumentos financeiros de que dispõe e buscará aprofundar a articulação com outras instituições. Outro critério estratégico na atuação do BNDES será a agenda de descarbonização. “Estamos atentos às oportunidades de desenvolvimento do hidrogênio verde, cuja utilização poderá se traduzir em redução significativa de emissões em setores como a siderurgia”, afirma.

RIB Qual é a importância de uma política de neoindustrialização para um país como o nosso?

JLG O Brasil passa por um processo de desindustrialização e perda de competitividade econômica, que teve início há mais de duas décadas, ao longo das quais a participação da indústria de transformação no Produto Interno Bruto (PIB), que chegou a 35,9% em 1985, caiu para 11,3% em 2021. Esse fenômeno tem consequências gravíssimas do ponto de vista da geração de empregos qualificados, da adoção e difusão de tecnologias, da arrecadação tributária, do impulso para os demais setores da economia e da inserção internacional do país.

RIB A pandemia teve um efeito importante na desindustrialização?

JLG Os efeitos da pandemia sobre a economia global e as cadeias de suprimentos apenas evidenciaram a importância de uma indústria competitiva e resiliente, fundamental para enfrentar os mais diversos desafios em áreas críticas como saúde, transição verde e descarbonização. Acredito que o Brasil esteja bem posicionado para o enfrentamento desses desafios, e o BNDES poderá desempenhar, mais uma vez, um papel importante, aportando recursos e conhecimento para o desenho e a execução de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento.

RIB Como será a atuação do BNDES nesse processo?

JLG O declínio da indústria ao longo desse período refletiu-se diretamente na queda de sua participação nos desembolsos do BNDES. Entre 2000 e 2010, a participação média chegou a 45% do desembolso, tendo declinado de maneira expressiva para menos de 20% nos últimos anos. De modo ainda mais grave, os desembolsos para a inovação passaram de 6% em 2015 para 1% em 2021. O BNDES sempre teve um papel estratégico para a indústria brasileira e pretendemos reforçar essa posição. A criação de novas linhas de crédito depende de um entendimento sobre as necessidades específicas de cada segmento, mas cabe assinalar duas prioridades já claramente estabelecidas.

RIB Quais são as iniciativas prioritárias do BNDES?

JLG Em primeiro lugar, é importante oferecer condições financeiras adequadas, especialmente aos projetos de maior risco. Uma das principais dificuldades hoje para o BNDES reside no referencial financeiro dos financiamentos, que é a Taxa de Longo Prazo (TLP). Esta é definida pela Lei 13.483/2017, atualmente em percentuais muito elevados, até quando comparada com padrões de mercado. A revisão da TLP é necessária para o financiamento da neointustrialização brasileira. Por isso, a atual gestão do BNDES tem buscado alternativas a essa taxa. Em segundo lugar, o BNDES pretende reforçar sua atuação no apoio à exportação de bens, o que é decisivo para a projeção externa das empresas brasileiras e para a conquista de novos mercados. É preciso reativar o sistema público de crédito à exportação, que diminuiu muito nos últimos anos. A média de desembolsos

do BNDES para a exportação foi inferior a US\$ 1 bilhão nos últimos anos, retornando a valores da década de 1990. Já chegamos a fazer mais de US\$ 11 bilhões em desembolsos em 2010.

RIB Quais setores devem ser prioritários na atuação do BNDES?

JLG A transição energética, a transformação digital e o fortalecimento de cadeias estratégicas, entre elas a do complexo da saúde, serão eixos orientadores da ação do BNDES para a indústria. Na agenda de transição energética, além da continuidade do apoio aos projetos de geração de energia de fontes renováveis, daremos ênfase às iniciativas para descarbonização da matriz de transporte e aos projetos de economia circular.

RIB E na área da saúde?

JLG Na área de saúde e em outras cadeias importantes, o ambiente global após a pandemia da Covid-19, agravado pelas incertezas geopolíticas recentes, deixou clara a necessidade de o país reduzir a vulnerabilidade da oferta, o que se mostrou particularmente crítico em insumos farmacêuticos, fertilizantes e semicondutores. O BNDES atuará fortemente no enfrentamento desse desafio.

RIB O sr. mencionou, também, a transformação digital. Poderia explicar como seria a atuação do BNDES nessa área?

JLG No eixo de transformação digital, uma primeira dimensão diz respeito à expansão da conectividade, dada a oferta assimétrica de banda larga no país. A defasagem de atendimento é particularmente aguda na educação, em que o número ainda elevado de escolas públicas desconectadas ou com conexão deficiente reforça as desigualdades de oportunidade e as disparidades regionais. Já para as indústrias, em especial as micros e pequenas empresas (MPMEs), a digitalização de processos básicos e a inserção de novas tecnologias de manufatura avançada são essenciais para a recuperação da produtividade econômica, ajudando também a promover a integração da indústria com o setor de serviços de valor agregado. Além desses três eixos, é importante acrescentar as oportunidades oriundas da bioeconomia, que se desdobram em produtos da química verde e de biomateriais.



BRASIL E EUA DEBATEM SOLUÇÕES PARA IMPULSIONAR CRESCIMENTO VERDE

Empresários e representantes dos governos do Brasil e dos Estados Unidos se reuniram em Brasília, no dia 9 de maio, para discutir soluções conjuntas para o desenvolvimento sustentável e a promoção da economia de baixo carbono. O debate, organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Câmara de Comércio dos EUA, teve como foco tendências, oportunidades e barreiras relativas ao comércio sustentável e à descarbonização da indústria.

SENAI PROMOVE INCLUSÃO SOCIAL PARA QUILOMBOLAS

Existem cerca de 6 mil comunidades quilombolas no país, 404 delas reconhecidas oficialmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com esses números em vista, o SENAI tem desenvolvido projetos para capacitar pessoas dessas localidades com cursos de educação profissional que visam à inclusão social e à criação de empregos. Um exemplo é o projeto Mocambos, em Alagoas, que estimula o empreendedorismo inovador. A instituição também possui parcerias com empresas como o Instituto Alpargatas e a companhia de alumínio Hydro, para desenvolver cursos técnicos sob demanda que valorizem a cultura e a história desses povos.

SAIBA MAIS:





FEIRA ONLINE DO SENAI OFERECE MAIS DE 8 MIL VAGAS DE EMPREGO

A 5ª edição da Feira de Talentos Contrate-me, evento online promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) entre os dias 3 e 5 de maio, apresentou mais de 8 mil vagas de emprego. Cerca de 11 mil pessoas visitaram a plataforma, que transmitiu 18 palestras ao vivo e contou com 120 empresas e 30 estandes virtuais. O site utiliza inteligência artificial para conectar a empresa ao candidato ideal para a vaga, avaliando suas competências técnicas e socioemocionais.

CNI CRITICA TAXA DE JUROS

A CNI considera equivocada a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, tomada no início de maio, de manter a taxa básica de juros (Selic) em 13,75% ao ano. Para o presidente da entidade, Robson Braga de Andrade, a Selic está há mais de um ano em patamar alto o suficiente para contrair a atividade econômica e desacelerar a inflação. Atualmente, a taxa de juros real, que desconsidera os efeitos da inflação, está em 8,1% ao ano. A expectativa, agora, é de que o Copom inicie, na próxima reunião, o processo de redução da Selic.



BRASIL BRILHA EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS DE ROBÓTICA

2023 é o ano da robótica brasileira. O país enviou sua maior delegação da história ao FIRST Championship, principal disputa de robótica do mundo, realizada em Houston, nos Estados Unidos. O evento reuniu mais de 15 mil estudantes de 50 países, sendo 110 competidores do Brasil. Sete de nossas equipes foram premiadas, o que representa um recorde. Os estudantes brasileiros seguem com bom desempenho nos torneios abertos internacionais: duas equipes do SESI foram as grandes campeãs do FLL Western Edge Open, na Califórnia, e do Open de Marrocos, em maio.



BARREIRAS ATÉ NO CAFEZINHO

RESTRIÇÕES COMERCIAIS PREJUDICAM EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS BRASILEIROS


As restrições comerciais para importação de produtos brasileiros na União Europeia, na China e na Argentina impactaram significativamente as exportações do Brasil em 2022. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) estima que cerca de metade das exportações brasileiras para esses mercados – que concentram o maior número de barreiras – enfrentaram obstáculos. Dos US\$ 155 bilhões vendidos para os destinos, mais de US\$ 78 bilhões foram expostos a restrições comerciais, o que representa 26% do valor total exportado pelo Brasil em 2022 (US\$ 335 bi).

Dados da nova edição do Relatório de Barreiras Comerciais, produzido pela CNI e 19 entidades setoriais e divulgado em abril, indicam que somente nesses três mercados existem 30 restrições. Depois deles, os países com mais barreiras comerciais na relação com o Brasil foram Japão - empatado com a Argentina -, Arábia Saudita, Índia, México, Colômbia, Indonésia e África do Sul.

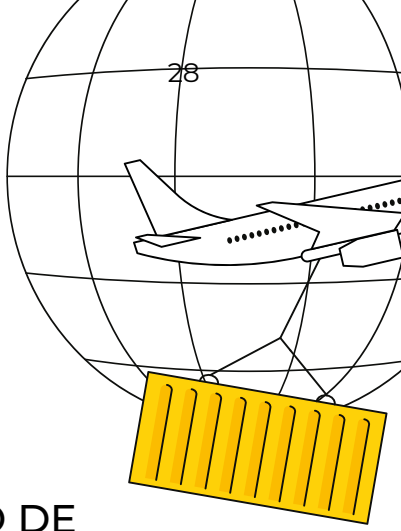
O estudo atual também lista os principais tipos de barreira identificados e notificados: 21 restrições sanitárias e fitossanitárias (SPS), 18 de regulamento técnico (TBT), 14 de imposto de importação, 10 de sustentabilidade, cinco de licenciamento de importação, além de nove outras medidas (cota tarifária de importação, subsídios etc).

Tatiana Prazeres, secretária de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), afirma que a proliferação de barreiras comerciais





Imposto de importação cobrado sobre o café brasileiro está entre as barreiras comerciais elencadas em relatório da CNI

**“O RELATÓRIO DE
BARREIRAS É UMA
CONTRIBUIÇÃO
IMPORTANTE PARA QUE
O GOVERNO BRASILEIRO
POSSA AVANÇAR
NESSA AGENDA”**

Constanza Negri (CNI)



é uma tendência de difícil reversão para a qual o Brasil precisa se preparar. “Em algum grau, o setor privado precisará se adaptar, pois, em teoria, tais medidas podem estar atendendo a objetivos legítimos, como a defesa do meio ambiente ou da segurança nacional. Nos casos em que essas barreiras são apenas um pretexto para encobrir interesses protecionistas, cabe ao governo brasileiro atuar de maneira firme”, defende.

Essa atuação, segundo ela, deve ser feita com o apoio do setor privado, por meio de diálogos bilaterais, em âmbito regional – como no Mercosul – ou em organismos multilaterais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC). “Trata-se de um tema que demanda atuação efetiva do governo e tem possibilidade de resultados positivos concretos a cada barreira removida ou a cada situação em que os efeitos das barreiras sejam mitigados”, afirma.

A gerente de Comércio e Integração Internacional da CNI, Constanza Negri, destaca que, no contexto atual, é necessário contar com uma estratégia proativa de eliminação de barreiras comerciais para aumentar as exportações e a competitividade da indústria do Brasil. “O relatório de barreiras é uma contribuição importante para que o governo brasileiro possa avançar nessa agenda”, diz. Segundo ela, as barreiras ao comércio internacional podem surgir em forma de lei, regulamento, política, medida ou prática governamental que restrinja o acesso a produtos, serviços ou investimentos estrangeiros em um mercado.

Elaborado em conjunto com entidades setoriais, o relatório analisou dados de 25 mercados para os quais as empresas brasileiras exportam. No caso da UE, o total de barreiras identificadas foi de 16, enquanto a China, principal parceira comercial do Brasil em 2022, somou oito restrições. Já nas exportações para a Argentina, foram identificadas e notificadas ao governo brasileiro seis barreiras.

No caso da China, segundo o estudo da CNI, as barreiras comerciais incluem imposto de importação de suco de laranja e café, exigência de testes compulsórios

Onde o Brasil enfrenta mais barreiras comerciais

Dados de 2022



Fonte: CNI

em animais, embargo às importações de comida para animais domésticos, políticas de subsídios, licenciamento de importações de organismos geneticamente modificados, registro de produtores estrangeiros de alimentos e exigência de certificado sanitário para couro *wet blue*.

A diretora-executiva do Conselho Empresarial Brasil-China, Cláudia Trevisan, argumenta que, se as barreiras fossem eliminadas, as exportações aumentariam. “O Brasil é competitivo na exportação de produtos como suco de laranja e café. O problema da escalada tarifária no caso do café é que ela dificulta as exportações de cafés industrializados, de maior valor agregado. Essas barreiras demandam negociação bilateral para sua remoção. Outras, como subsídios e exigência de registro de produtores estrangeiros de bens alimentícios, também podem ser discutidas no âmbito da OMC, como mostra o estudo”, explica.

Segundo Cláudia, o fim dessas barreiras ajudaria a diversificar a pauta exportadora brasileira para a China, com a inclusão de produtos relevantes da agroindústria. “A questão da falta de sincronia regulatória na aprovação de novos licenciamentos para produtos geneticamente modificados é objeto de preocupação do Conselho Empresarial Brasil-China. A busca de sincronia, transparência e previsibilidade nesses processos foi defendida no documento *Sustentabilidade e Tecnologia como Bases para a Cooperação Brasil-China*, divulgado em 2021”, conta a diretora-executiva.

Tatiana Prazeres também lembra que o crescimento de barreiras associadas a requisitos de sustentabilidade é algo que chama a atenção. Além do monitoramento, esse tipo de medida demanda o engajamento do governo brasileiro nas discussões em fóruns internacionais.

“Entendemos que o Brasil tem todas as condições para se posicionar internacionalmente de uma maneira positiva nesse tema. A agenda de comércio e sustentabilidade veio para ficar e temos que fazer com que essa pauta se torne um ativo para o Brasil. Esse é um desafio que devemos enfrentar de forma proativa”, defende a secretária do MDIC.

RICARDO ALBAN ELEITO PRESIDENTE DA CNI

ATUAL PRESIDENTE DA FIEB ASSUME, EM 31 DE OUTUBRO, MANDATO QUE SUCEDERÁ À GESTÃO DE ROBSON BRAGA DE ANDRADE

O empresário e presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), Ricardo Alban, foi eleito presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), no dia 3 de maio, em votação na sede da entidade, em Brasília. O mandato de quatro anos se inicia em 31 de outubro, quando termina a gestão do atual presidente Robson Braga de Andrade, que está à frente da CNI desde 2010.

A chapa de Alban foi eleita por unanimidade e é composta por cinco vice-presidentes executivos. Cada um representa as indústrias de uma das regiões do país: Josué Gomes da Silva, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP); Ricardo Cavalcante, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC); Jamal Bittar, presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal (FIBRA); Antonio Carlos Silva, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM); e Gilberto Petry, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS).

Após o anúncio do resultado, Ricardo Alban disse que a eleição representa a união do setor em torno de um momento político propício para promover a neoindustrialização. “A CNI tem vocação para ser uma grande replicadora de ações de sucesso e vamos comandar o processo da neoindustrialização com diversos atores. Nossa missão é representar e defender os interesses de todos os industriais brasileiros, do pequeno ao grande, do Norte ao Sul, da agroindústria à ciber indústria”, afirmou.

Na eleição, votam todos os 27 presidentes de federações estaduais da indústria, o que ocorre na presença de lideranças industriais de todos os estados.

UM LEGADO DE EFICIÊNCIA E INOVAÇÃO

Antonio Ricardo Alvarez Alban, 63 anos, é formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas da Bahia. É presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia desde 2014, e do Centro das Indústrias do Estado da Bahia (CIEB) desde 2018. Trabalhou no Citibank, no início dos anos 1980 e, desde 1987, é sócio-diretor da Biscoitos Tupy, tradicional fábrica de alimentos baiana fundada por sua família.

Ele também é: vice-presidente da CNI (2018-2023); vice-presidente da Associação Nacional da Indústria de Biscoitos; presidente do Sindicato da Indústria do Trigo, Milho, Mandioca, Massas Alimentícias e de Biscoitos do Estado da Bahia; membro do Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria (SESI); membro da Associação Nordeste Forte; membro titular do Conselho Diretor do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT); membro do Conselho de Administração da Renova, do Conselho de Administração da Cetrel e do Conselho Consultivo Agro da Unigel.

À frente da FIEB, Ricardo Alban imprimiu a marca da eficiência, refletida em aumento na prestação de serviços à indústria baiana. A gestão corporativa foi um dos pontos altos de sua administração, com a publicação, nos grandes jornais, de balanços e editais auditados por órgãos de controle nacionais, como Controladoria Geral da União (CGU) e Tribunal de Contas da União (TCU).

Outro elemento de destaque na gestão de Alban foi a inovação, por meio de investimentos e incentivos robustos para pesquisa e desenvolvimento (P&D) e para a energia limpa, via iniciativas como o SENAI Cimatec e ações como a adesão ao Pacto Global da ONU.

Em 2019, durante seu mandato, foi inaugurado o Cimatec Park, um grande complexo tecnológico e industrial que ocupa uma área de quatro milhões de metros quadrados no centro industrial de Camaçari (BA). O complexo recebeu investimentos de cerca de R\$ 100 milhões e oferece laboratórios avançados, grandes usinas-piloto, áreas de segurança para testes e operações de risco e pista de teste do setor automotivo.



“MOMENTO POLÍTICO IMPÕE A NEOINDUSTRIALIZAÇÃO”

PRESIDENTE ELEITO DA CNI QUER ALIAR CONTINUIDADE E EVOLUÇÃO NA DEFESA DE INTERESSES DA INDÚSTRIA BRASILEIRA



O empresário Ricardo Alban, recém-eleito presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), assumirá o cargo em 31 de outubro para um mandato de quatro anos que pretende manter a direção política da entidade, mas evoluir diante das novas janelas de oportunidade. Atual presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), Alban deu esta entrevista à RIB logo depois de sua eleição, no último dia 3 de maio.

RIB Quais serão suas prioridades na Presidência da CNI?

RA Vou levar adiante o trabalho que a CNI já vem desenvolvendo e as entregas que tem feito até aqui, tratando de convergir sempre para o verdadeiro interesse das indústrias no Brasil. Estamos em um momento político que impõe a reindustrialização, agora, felizmente, chamada de neoindustrialização, um termo muito mais adequado.

RIB Como vai ser sua relação com as federações da indústria?

RA Quero conhecer todos os programas de todas as federações para aprendermos com o melhor de cada uma. A CNI tem vocação para ser uma grande replicadora de ações de sucesso e vamos comandar o processo da neoindustrialização junto com diversos atores.

RIB Como o sr. acredita que a CNI pode promover a neointustrialização?

RA A primeira ação específica é manter a evolução do que existe e trabalharmos com prioridades. Temos que identificar as prioridades dos setores industriais e depois convergi-las com as do governo, para que tenhamos efetividade. Temos que fazer um grande movimento de convergência para que possamos ter um processo de convencimento e de esclarecimento, que destaque as vantagens competitivas da indústria brasileira.

RIB Que política industrial o sr. defende?

RA Eu acho que a política industrial tem que ser focada em várias vertentes. Uma delas é o estímulo à indústria, incluindo o apoio àquelas indústrias que, por algum motivo, têm efetivas vantagens competitivas para disputar os mercados brasileiro e global. Vamos mapear ações que permitam usar escassos recursos físicos e financeiros para que possamos priorizar e dar as respostas mais imediatas possíveis.

RIB A agenda descarbonização da economia será também uma prioridade?

RA Sim, pois sabemos que não existe nenhuma economia sustentável sem uma indústria forte e sustentável. Nossa indústria de manufatura precisa aproveitar essa onda mundial da sustentabilidade, das energias limpas, da descarbonização, e usar a grande vantagem competitiva que nós temos aqui em termos de energias renováveis, de descarbonização e de produção de hidrogênio verde. Então, vamos começar descarbonizando as nossas indústrias para que possamos agregar valor, para que elas conquistem espaço no mercado internacional de produtos manufaturados antes que lá fora façam o mesmo. Podemos ser um grande hub de exportação de energia renovável, tendo o hidrogênio verde como uma das principais vertentes.

RIB Qual deve ser a prioridade legislativa da CNI neste momento?

RA Nós temos agora um foco na aprovação do arcabouço fiscal. Temos que tentar ver onde esse arcabouço pode ser aprimorado, para, em seguida, trabalhar na reforma tributária. Não é um processo fácil; ele ainda deve sofrer modificações. Ainda temos um trabalho de convergência entre os setores das diversas atividades econômicas.

RIB E quais são as suas perspectivas para a aprovação da reforma tributária?

RA Eu acho que há um grande equívoco quando se fala que a reforma tributária vai onerar o setor A, B ou C e desonerar ou diminuir a oneração de D, E ou F. Na verdade, quem paga imposto é o consumidor. Os setores produtivos são agentes recolhedores dos impostos. É preciso primeiro entender essa lógica. Não é uma lógica de onerar o serviço um pouco mais ou a agricultura. Mas é natural que a indústria reivindique a diminuição da sua carga tributária porque, claramente, ela é pesada demais. Precisamos tirar as miopias de cada setor, sabendo que cada um tem que defender seus interesses.

RIB Como ficará o diálogo com as federações, os sindicatos e as associações industriais?

RA É um diálogo fundamental. Seremos parceiros. A convivência gera atritos, o que é normal, pois você convive com angústias, ansiedades e diferenças. A melhor forma de mitigar atritos é criar cumplicidade e parceria com as federações, as associações e os sindicatos. E isso inclui também todas as outras confederações que fazem parte do setor produtivo e econômico desse país. Nesse sentido, a CNI já tem uma grande experiência de sucesso, de uma relação com o Congresso Nacional que vai ser cada vez mais aprimorada.

5 PERGUNTAS PARA...



SOFIA SANTOS DE OLIVEIRA

Ex-aluna do Sesi aprovada em
Harvard, Stanford e Yale

“ACHO QUE UMA COISA QUE SEMPRE
TIVE MUITO FORTE EM MIM É A IDEIA
DE QUE, COM A OPORTUNIDADE CERTA,
MUITA COISA BOA PODE ACONTECER”

RIB **Você foi bolsista no Serviço Social da Indústria (SESI), estudou numa escola municipal e também foi bolsista numa escola privada. Como surgiu a vontade de estudar nos Estados Unidos?**

SS Meu pai trabalhava na indústria siderúrgica de Belo Horizonte e eu tinha uma bolsa integral no SESI, onde estudei do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Quando ele perdeu o emprego, tive que ir para uma escola municipal e, no tempo livre, comecei a aprender inglês sozinha, com filmes, séries, livros e usando muito o Google. Sempre gostei muito de ler, tirava notas boas e ia muito para a biblioteca. Pessoas que saíram da zona de conforto e foram estudar nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia me inspiraram muito. Desde o fim do ensino fundamental, eu tinha vontade de estudar no exterior, mas não tinha os recursos e não entendia o processo. Mas a ideia de sair da minha bolha, conhecer novas culturas, pessoas, ganhar independência e ter vários desafios para crescer pessoal e profissionalmente era bastante atraente para mim.

RIB **Das quatro universidades americanas para as quais se candidatou, você foi aprovada em três com apenas 18 anos de idade. Por que escolheu ir para Harvard?**

SS Minha intenção era me candidatar para 20 universidades diferentes nos Estados Unidos. Comecei com Harvard, Yale, Stanford e Columbia. No entanto, recebi os resultados antes do previsto e decidi cancelar minhas outras candidaturas. Para tomar a decisão, tive a oportunidade de visitar Harvard e Yale em eventos promovidos por elas e acabei gostando mais de Harvard, porque o campus é muito bonito e tem pessoas de todo o mundo, num ambiente muito internacional. Também senti que, para a minha área, aqui seria melhor, além de Boston ser uma cidade muito viva e culturalmente rica. As aulas começaram em setembro de 2022 e estou gostando muito.

RIB **Como você se preparou para ser aprovada nessas universidades?**

SS Ganhei uma bolsa de estudos no Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte, com o apoio da ONG Ismart. Ao entrar no colégio, eu senti que tinha uma defasagem no ensino, então minha prioridade foi me nivelar com os outros colegas. Logo depois, contei para a Ismart que eu tinha interesse em estudar fora e eles me ajudaram com consultorias e apoio em algumas coisas. No terceiro ano, conheci

um programa que conseguiu me dar o apoio final, me ajudar com as questões financeiras e a viajar para fazer as provas.

RIB **O processo seletivo nos Estados Unidos tem alguma semelhança com o ENEM?**

SS É muito diferente. Para começar, o aluno é aprovado para a faculdade demonstrando interesse em certos cursos e ele tem até o final do segundo ano para escolher. Eu decidi cursar Química e Ciências Sociais, mas, ao longo do curso, posso mudar para outra opção se cumprir os requisitos. Para as seleções, enviei minhas notas do 9º ao 3º ano, fiz uma prova de inglês, também fiz uma prova que a gente chama de ENEM americano, que, na verdade, não tem nada a ver com o ENEM, mas tem inglês, matemática, entre outras áreas, e enviei currículo detalhando minhas atividades extracurriculares. Também é preciso enviar cartas de recomendação de professores do ensino médio, fazer entrevistas, enviar comprovantes financeiros dos meus pais para eles avaliarem o nível de necessidade para dar a bolsa de estudos que cobre mensalidade, alojamento, alimentação, materiais e despesas pessoais.

RIB **Você acabou virando uma referência para muitas meninas estudantes brasileiras. Quais foram as suas referências?**

SS Não conquistei isso sozinha. Várias pessoas e instituições me ajudaram nesse caminho. É muito gratificante mostrar que, mesmo vindo de uma origem humilde, passando por certas dificuldades, é possível conseguir isso. Minha mãe só estudou até o ensino médio e meu pai, até alguns anos atrás, nem isso. Ele começou a fazer o ensino médio junto comigo e a gente terminou junto, pois ele teve que parar de estudar para trabalhar muito novo. Eu tive referências, mas de pessoas de condições muito diferentes das minhas, então não me identificava muito com elas. Acho que uma coisa que sempre tive muito forte em mim é a ideia de que, com a oportunidade certa, muita coisa boa pode acontecer. Pode ser que, no meio do caminho, você perca sua bolsa de estudos ou qualquer coisa aconteça e você tenha que se reinventar, replanejar a rota, então acima de tudo é continuar se esforçando. E é bom saber que, hoje em dia, há várias outras oportunidades para ter experiências internacionais, não só as opções de graduação: tem pós-graduação, mestrado, doutorado, que valem para diferentes momentos da vida.

CONFIANÇA AINDA EM BAIXA

ICEI MOSTRA QUE O EMPRESÁRIO INDUSTRIAL ESTÁ APENAS UM POUCO MENOS PESSIMISTA

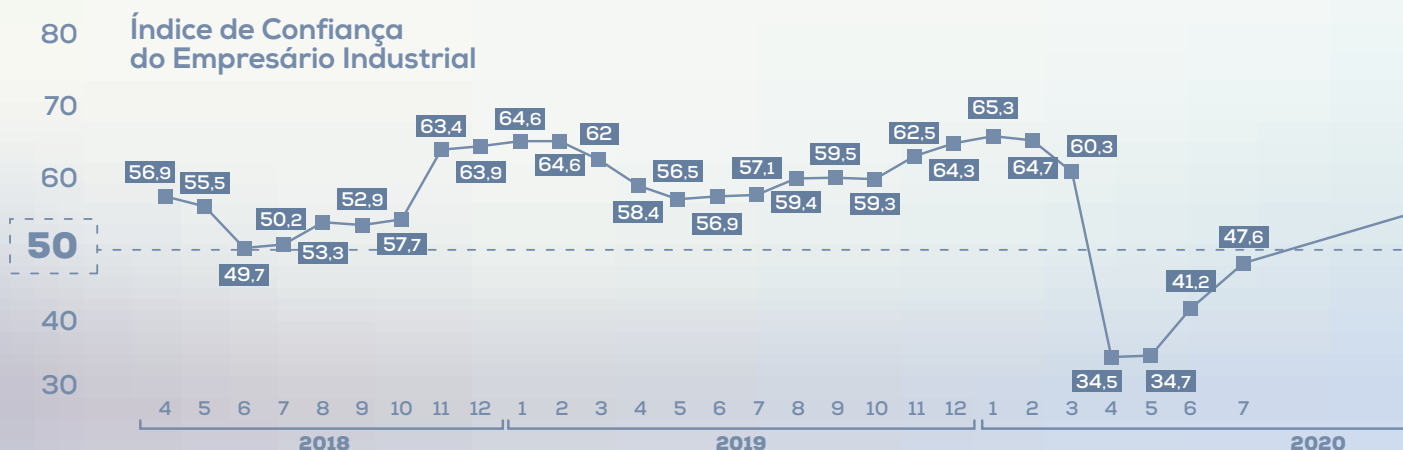
O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 11 de maio, mostra uma leve recuperação neste mês, ainda que não suficiente para ultrapassar a barreira da falta de confiança que os empresários ainda manifestam. O ICEI aumentou 0,4 ponto, saindo de 48,8 para 49,2 pontos entre abril e maio de 2023. Ele segue abaixo da média histórica, de 54,1 pontos, pelo sétimo mês consecutivo.

O índice varia de 0 a 100, com uma linha de corte em 50 pontos. Quando está abaixo de 50, há uma disseminação maior da falta de confiança. A pesquisa da CNI

foi realizada entre 2 e 8 de maio e ouviu 1.450 empresas, sendo 571 de pequeno porte, 549 de médio porte e 330 de grande porte.

Para o diretor da empresa de movelaria e metalurgia Telamix, Maurício Lassmann, os cenários político e econômico atuais são os culpados pela falta de confiança da indústria. “Ao invés de focar no futuro, o novo governo está olhando para o retrovisor”, critica.

Segundo ele, que também é vice-presidente do Sindicato da Indústria do Mobiliário do Estado da Bahia (MOVEBA), o principal desafio do





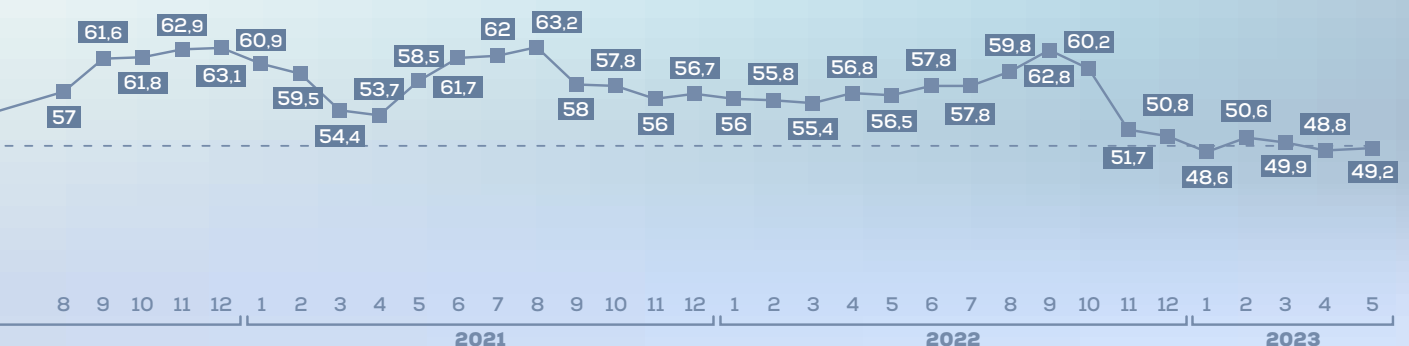
A falta de clientes e o aumento no preço das matérias-primas são os principais motivos para o pessimismo de representantes da indústria mobiliária

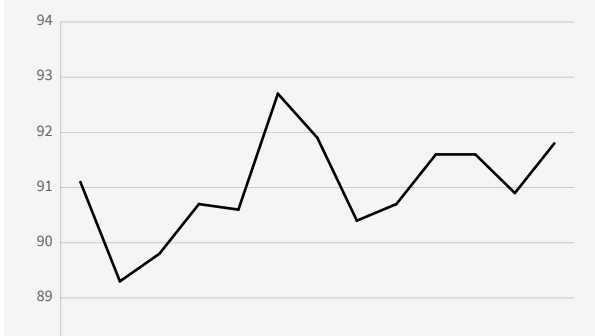
setor, atualmente, é conseguir clientes, já que as vendas estão abaixo do esperado. Ele também cita o aumento de preços das matérias-primas no último ano, caso do aço, cujo valor passou de R\$ 2,70 para R\$ 10,00 o quilo. “O empresário que exporta consegue se equilibrar, mas quem depende do mercado interno não está indo bem. É um cenário muito complicado e não vejo perspectiva de melhora a curto prazo”, ressalta Lassmann.

O estudo da CNI destaca que a leve recuperação do índice – que não foi suficiente para sair da zona de falta de confiança – foi disseminada entre todos os componentes do indicador, ou seja, o Índice de Condições

Atuais e o Índice de Expectativas. O primeiro subiu 0,6 ponto entre abril e maio, alcançando 43,1 pontos. A alta indica que os empresários veem o momento atual de maneira menos negativa na comparação com os últimos seis meses. Já o Índice de Expectativas, que mede as expectativas dos empresários para os próximos seis meses, avançou ligeiramente, subindo 0,3 ponto, para 52,2 pontos. “A alta mostra que os empresários veem o atual momento em relação aos últimos seis meses de maneira um pouco menos negativa em maio do que observavam em abril”, ressalta Marcelo Azevedo, gerente de Análise Econômica da CNI.

Fonte: CNI / Índice de Confiança do Empresário Industrial (CNI) - maio de 2023

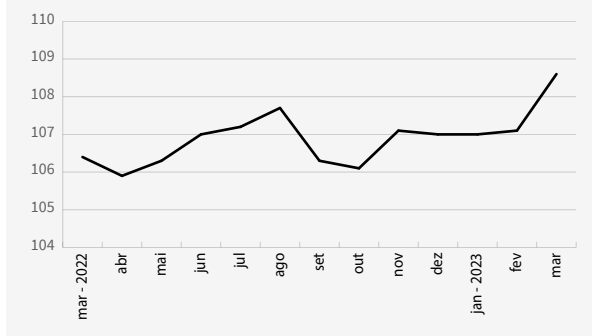




HORAS TRABALHADAS AUMENTAM EM MARÇO

As horas trabalhadas na produção, em março, tiveram aumento de 1% na comparação com fevereiro, na série que desconsidera efeitos sazonais. Nos últimos seis meses, o indicador registrou uma alternância entre avanços e recuos em torno de um mesmo patamar. Neste mês, a alta foi de 0,6%.

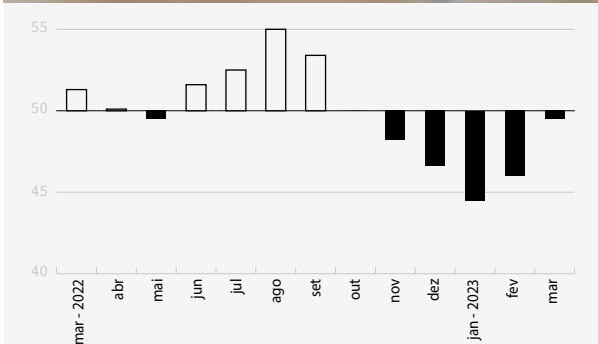
Fonte: CNI/ *Indicadores Industriais* – Março de 2023



FATURAMENTO DA INDÚSTRIA AVANÇA

O faturamento real da indústria avançou 1,4% em março na comparação com fevereiro, na série que desconsidera efeitos sazonais. Em relação ao mesmo mês de 2022, houve crescimento de 2,1%, após uma trajetória de desaceleração registrada nos últimos meses.

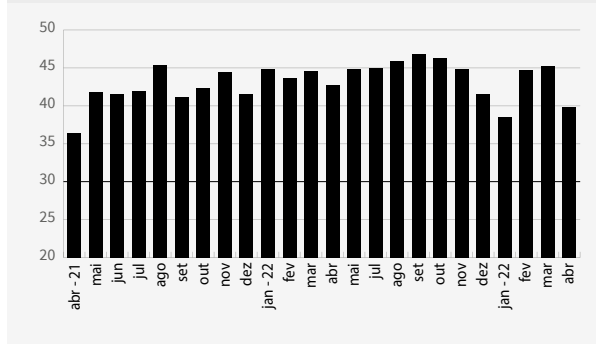
Fonte: CNI/ *Indicadores Industriais* – março de 2023



RECUO NA ATIVIDADE DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO

A indústria da construção registrou queda em março de 2023, o que representa o quinto recuo consecutivo. O índice do nível de atividade ficou em 49,5 pontos, um avanço de 3,5 pontos sobre fevereiro, mas ainda abaixo da linha divisória dos 50 pontos.

Fonte: CNI/ Sondagem Indústria da Construção – Março de 2023



CONSTRUTORES COM RECEIO DE INVESTIR

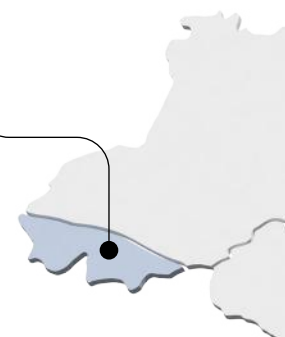
O índice de intenção de investimento da indústria da construção recuou de 5,5 pontos, em abril, para 39,8 pontos, após dois meses consecutivos de alta. Esse valor é 3,2 pontos superior à média histórica (36,6 pontos) e 4,6 pontos inferior à média de 2022 (44,4 pontos).

Fonte: CNI/ Sondagem Indústria da Construção – Março de 2023



FIEAC E GOVERNO DO ACRE PROMOVEM CURSO DE COMUNICAÇÃO PARA EXPORTAÇÃO

A Federação das Indústrias do Acre (FIEAC), em parceria com o governo do estado e outras instituições, promoveu, no dia 6 de maio, o curso *Comunicação Internacional: empresas, produtos e negócios*. Direcionado a empresas com potencial para exportação, o curso reuniu profissionais dos setores madeireiro, alimentício e de confecções. O projeto de desenvolvimento do comércio exterior do Acre visa reforçar ações que possam gerar emprego e renda, aproximando as indústrias locais do mercado de países vizinhos.



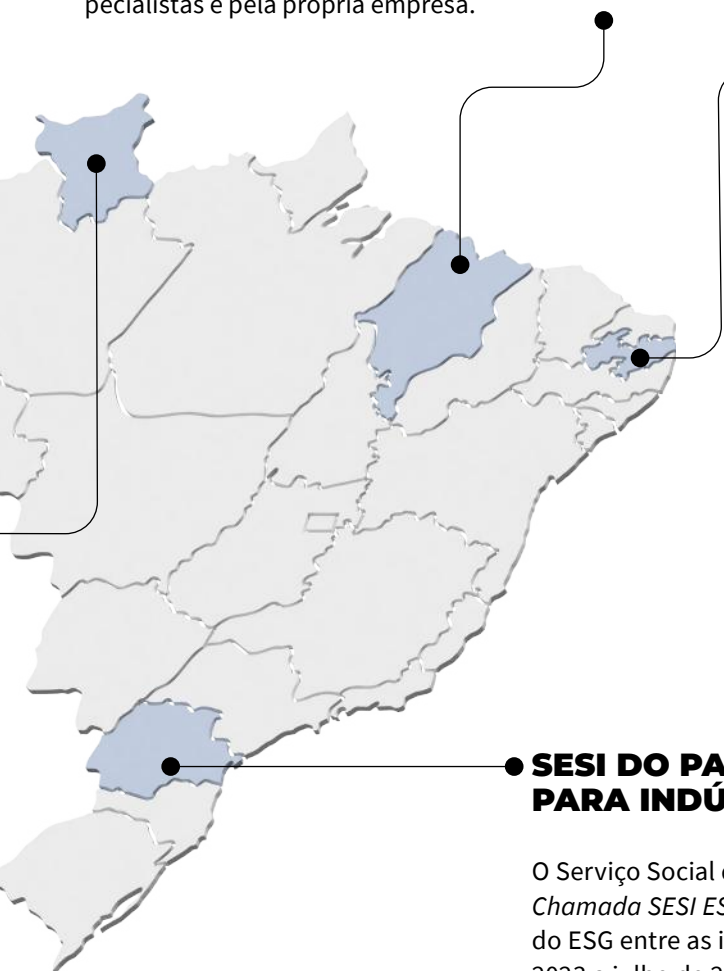
INDÚSTRIA DE RORAIMA APRESENTA DEMANDAS À BANCADA DO ESTADO NO CONGRESSO

Empresários liderados pela Federação das Indústrias do Estado de Roraima (FIER) apresentaram, na última semana de abril, em Brasília, uma série de demandas do setor à bancada roraimense no Congresso Nacional. Além de receberem documentos como a *Carta da Indústria 2022* e a *Agenda Legislativa da Indústria 2023*, os deputados e senadores também foram apresentados a informações do Observatório Nacional da Indústria sobre saúde, educação, urbanização, infraestrutura, trabalho formal e atividades econômicas de Roraima.



SENAI DO MARANHÃO LANÇA COMPETIÇÃO PARA RESOLVER PROBLEMAS DA VIDA REAL

Estudantes do curso de eletromecânica e eletrotécnica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Maranhão (SENAI/MA) participaram, no fim de abril, do *Grand Prix SENAI de Inovação* do estado. As equipes foram desafiadas a solucionar três problemas enfrentados pela Aço Verde do Brasil (AVB), empresa de Açailândia, como o desgaste excessivo no trilho e nas rodas de pontes rolantes e o desgaste prematuro de rolamentos. As propostas dos alunos foram analisadas por especialistas e pela própria empresa.



IEL DA PARAÍBA ESTIMULA EMPREENDEDORISMO DE ESTUDANTES

Alunos do SENAI de João Pessoa participaram, no dia 29 de abril, de uma oficina de Empreendedorismo do *Programa EuFuturo*, realizada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL). No evento, eles aprenderam técnicas para desenvolver um plano de negócio pessoal e habilidades empreendedoras, além de comunicação, liderança e trabalho em equipe. Os facilitadores ainda abordaram conceitos de marketing, finanças e gestão de negócios. Essa foi a segunda turma da Paraíba capacitada pelo programa, que já havia sido promovido o curso em Campina Grande.

SESI DO PARANÁ ABRE CHAMADA ESG PARA INDÚSTRIAS DO ESTADO

O Serviço Social da Indústria do Paraná (SESI/PR) abriu inscrições para a *Chamada SESI ESG*, com o objetivo de disseminar o conceito e a prática do ESG entre as indústrias paranaenses. Com fluxo contínuo de maio de 2023 a julho de 2024, o edital é dividido em duas fases: a primeira é uma mentoria e a segunda contempla o desenvolvimento de ideias de novas tecnologias ou produtos com o apoio dos Institutos SENAI de Tecnologia e Inovação. A meta é beneficiar mil indústrias paranaenses por meio da chamada. As inscrições podem ser feitas no site:





Testes de qualidade, que fazem parte do serviço de metrologia, são fundamentais para as indústrias de alimentos e bebidas

TESTES DE QUALIDADE PARA TODA A INDÚSTRIA

O SENAI É O PRINCIPAL PARCEIRO DA
INDÚSTRIA EM SERVIÇOS METROLÓGICOS

Em 2023, o tema do dia mundial da metrologia, comemorado oficialmente em 20 de maio, foi definido como “Medições que apoiam o sistema alimentar global”. Ele foi escolhido em função dos crescentes desafios das mudanças climáticas e da necessidade de distribuição global de alimentos em um mundo cuja população chegou a 8 bilhões no final de 2022.

A atividade metrológica no ambiente industrial é essencial para garantir a segurança e a qualidade, não apenas dos alimentos, mas de diversos produtos. Já se perguntou como saber se um queijo do tipo ricota fresca, consumido frequentemente, está livre de *Salmonella* (uma bactéria que causa intoxicação alimentar) ou ainda, se o seu nível de gordura está dentro dos limites de especificação seguros para consumo humano?



Qual é o papel da metrologia na indústria de alimentos?



1

Para comercialização de produtos de origem animal, a indústria precisa obter selos de inspeção municipal, estadual ou federal.

2

Para obtenção desse selo, a indústria deve apresentar algumas evidências de qualidade e segurança, como relatórios de ensaio.

3

Os ensaios devem ser realizados por um laboratório credenciado e contratado pela própria indústria.

Em muitos casos, é necessário que a indústria apresente evidências de que seu produto atende aos requisitos de qualidade e segurança especificados. Dentre essas evidências, estão os relatórios de ensaio que contém os resultados das análises realizadas por um laboratório externo, contratado pela própria indústria. O SENAI conta com uma rede de 98 unidades, contendo 232 laboratórios, que realizam os mais diversos serviços metroológicos, em todo o Brasil.

Muitas indústrias, principalmente as de micro e pequeno porte, não conseguem encontrar um provedor de serviços metroológicos, a começar pela dificuldade de entender para que servem tais serviços.

Segundo Gustavo Dellagiustina, especialista em Desenvolvimento Industrial do SENAI, é preciso ter uma atenção especial aos negócios de menor porte. “Enquanto médias e grandes indústrias já estão habituadas a utilizar serviços de metrologia, as empresas menores muitas vezes deixam de investir no próprio negócio por desconhecerem os testes a que devem submeter seus produtos ou mesmo a quais laboratórios podem recorrer, sobretudo quando estes precisam ter competência formalmente reconhecida”.

Em Ponte Nova, cidade mineira localizada a cerca de 200 quilômetros de Belo Horizonte, o frigorífico Saudali produz, a partir do abate de suínos, 230 tipos de produtos. Possui diferentes laboratórios parceiros, que são escolhidos de acordo com as necessidades de cada produto, a constância de análises, o preço cobrado pelos serviços e a proximidade da indústria com os laboratórios.

Entretanto, em muitas situações, esses serviços de metrologia nem sempre são acessíveis e rápidos como deveriam. “Um de nossos laboratórios parceiros, por exemplo, tem um prazo de 45 dias para enviar resultados. O SENAI faz isso em apenas 15, mas está um pouco distante da gente”, conta Taymara Brangioni, líder de

"A METROLOGIA É A BASE DE UM SISTEMA QUE VAI PERMITIR O MELHOR DESENVOLVIMENTO DAS INDÚSTRIAS DE TODOS OS SETORES"

Jefferson Gomes (SENAI)



laboratório da Saudali. Segundo ela, “a agilidade é fundamental nesse tipo de serviço”.

Para Jefferson Gomes, diretor de Inovação e Tecnologia do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), “a metrologia é a base de um sistema que permite o melhor desenvolvimento das indústrias de todos os setores. Ao garantir a qualidade do produto em um processo ágil, a empresa consegue focar em outras frentes, como inovação e formação profissional”.

Fundada em 1975, a empresa Jerivá, localizada em Abadiânia-GO, é referência no ramo de lanchonetes, restaurantes e empórios localizados em rodovias que ligam Brasília a Goiânia. Com fazenda e indústria próprias, a companhia é parceira do SENAI em serviços de metrologia há alguns anos.

“O volume de ensaios que precisamos fazer é muito grande. Temos que fazer isso, por exemplo, para controlar se os produtos estão livres de Salmonella. Então, sempre temos que ficar atentos aos preços e às facilidades de logística na hora de enviar nossas amostras”, explica Alexandre de Oliveira Campos, médico veterinário consultor e responsável técnico da Jerivá.

Os serviços de metrologia também são importantes no processo produtivo por três outras razões. Em primeiro lugar, eles podem reduzir desperdícios e impactos ambientais do processo produtivo. Em segundo lugar, podem estimular a inovação de máquinas que aumentem a confiabilidade dos processos de medição. E, finalmente, tendem a dar maior segurança ao ambiente de trabalho.



por
**TÂNIA
COSENTINO**

presidente da Microsoft Brasil

A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA E DA SOCIEDADE

A tecnologia é fundamental para impulsionar negócios e transformar realidades. Graças à evolução da Inteligência Artificial (IA), estamos entrando em uma nova era que irá revolucionar diversos setores da indústria, mudará a forma como trabalhamos e criará um ciclo de aumento de produtividade.

Na oitava edição do *Relatório do Estado da Produção Inteligente*, a Rockwell Automation aponta que 89% dos fabricantes planejam manter ou aumentar o emprego devido à adoção da tecnologia e 36% acreditam que redirecionarão seus funcionários. O foco está no crescimento lucrativo sem sacrificar a qualidade, valorizando o potencial dos dados e aumentando a adoção de tecnologias para criar resiliência, permitir agilidade e aumentar a sustentabilidade.

A tecnologia trouxe avanços e oportunidades, mas também novas demandas para organizações e trabalhadores. O *IDC FutureScape* mostra que, de 2022 a 2025, a falta de profissionais de tecnologia será de 11,4% na América Latina. Em 2026, aproximadamente 2,5 milhões de atividades exigirão algum tipo de atualização profissional. O impacto econômico será de quase US\$ 50 bilhões até 2025, ou seja, 1% do PIB da região naquele ano.

Preparar a população para os empregos de hoje e do futuro é um tema urgente. A falta de internet, celular e

computador amplia o abismo entre aqueles que têm e os que não têm acesso às oportunidades oferecidas pelo uso da tecnologia.

Pensando nisso, a Microsoft lançou, em 2020, o Mais Brasil – um plano abrangente para apoiar o crescimento econômico e social do país por meio da tecnologia. Dedicamos um dos pilares da iniciativa ao tema Educação, Capacitação Profissional e Empreendedorismo.

Intensificamos a implementação de programas gratuitos de qualificação e requalificação profissional, reunidos no *Microsoft Conecta+*, um hub com todos os treinamentos oferecidos pela empresa e seus parceiros. Nossos programas já alcançaram mais de 7 milhões de pessoas, sendo que 1,5 milhão de participantes concluíram ao menos um curso, e mais de 145 mil foram contratados.

Não há dúvida de que a tecnologia e a IA serão as grandes responsáveis pelo crescimento econômico do Brasil e podem estar entre as principais apoiadoras da retomada da competitividade da indústria nacional. Mas, para isso, é imperativo focarmos na educação, pois sem uma população preparada não teremos como avançar nessa agenda. Esse é o momento dos setores público e privado unirem forças para, juntos, trabalharem na aceleração da capacitação profissional dos brasileiros.

A opinião de articulistas convidadas e convidados não necessariamente reflete a da CNI.

RIB

Revista da Indústria Brasileira

Publicação Mensal da Confederação
Nacional da Indústria - CNI
www.cni.com.br

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA → CNI

DIRETORIA

PRESIDENTE

Robson Braga de Andrade

VICE-PRESIDENTES EXECUTIVOS

Paulo Antonio Skaf; Antonio Carlos da Silva;
Francisco de Assis Benevides Gadelha;
Paulo Afonso Ferreira; Glauco José Côrte.

VICE-PRESIDENTES

Sergio Marcolino Longen; Eduardo Eugenio
Gouvêa Vieira; Antonio Ricardo Alvarez Alban;
Gilberto Porcello Petry; Olavo Machado
Júnior; Jandir José Milan; Eduardo Prado
de Oliveira; José Conrado Azevedo Santos;
Jorge Alberto Vieira Studart Gomes; Edson
Luiz Campagnolo; Leonardo Souza Rogerio
de Castro; Edilson Baldez das Neves.

1º DIRETOR FINANCEIRO

Jorge Wicks Côrte Real

2º DIRETOR FINANCEIRO

José Carlos Lyra de Andrade

3º DIRETOR FINANCEIRO

Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan

1º DIRETOR SECRETÁRIO

Amaro Sales de Araújo

2º DIRETOR SECRETÁRIO

Antonio José de Moraes Souza Filho

3º DIRETOR SECRETÁRIO

Marcelo Thomé da Silva de Almeida

DIRETORES

Roberto Magno Martins Pires; Ricardo
Essinger; Marcos Guerra; Carlos Mariani
Bittencourt; Pedro Alves de Oliveira;
Rivaldo Fernandes Neves; José Adriano
Ribeiro da Silva; Jamal Jorge Bittar; Roberto
Cavalcanti Ribeiro; Gustavo Pinto Coelho
de Oliveira; Julio Augusto Miranda Filho;
José Henrique Nunes Barreto; Nelson
Azevedo dos Santos; Flávio José Cavalcanti
de Azevedo; Fernando Cirino Gurgel.

CONSELHO FISCAL

MEMBROS TITULARES

João Oliveira de Albuquerque; José da
Silva Nogueira Filho; Irineu Milanese.

MEMBROS SUPLENTE

Clerlânio Fernandes de Holanda; Francisco
de Sales Alencar; Célio Batista Alves.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO

Ana Maria Curado

SUPERINTENDÊNCIA DE JORNALISMO → CNI/SESI/SENAI/IEL

SUPERINTENDENTE

José Edward Lima

GERENTE-EXECUTIVO DE JORNALISMO

Rodrigo Caetano

DESENVOLVIMENTO E PRODUÇÃO → FSB COMUNICAÇÃO

CONSULTOR EDITORIAL

Wladimir Gramacho

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Rachel Mello (DF 3877/95)

REPORTAGEM

Vivaldo de Sousa, Aerton Guimarães,
Ana Flávia Flôres e Marina Simon.

ASSISTENTE DE EDIÇÃO

Victor Gomes

REVISÃO DE TEXTO

Renata Portella

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Guto Rodrigues

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

tel (61) 3317-9927
imprensa@cni.com.br

Autorizada a reprodução
desde que citada a fonte.

SE É
UM NOVO
PROCESSO
PRODUTIVO,
É SENAI

PELO FUTURO DO TRABALHO.

O INSTITUTO SENAI DE
TECNOLOGIA DESENVOLVEU
UM CREME ANTI-IDADE
COMPLETAMENTE INOVADOR,
QUE USA EXTRATO DE PIMENTA
BIQUINHO COMO BASE PARA
O PRODUTO E AINDA REDUZ
O RISCO DE ALERGIAS. ESSA
INOVAÇÃO AUMENTA O VALOR
AGREGADO PARA QUEM CULTIVA
A PIMENTA E MOSTRA A FORÇA
DA NOSSA CRIATIVIDADE.

SESI SENAI
PELO FUTURO DO TRABALHO